NEUROSE OBSESSIVA E RELIGIÃO COMO CAMPO DE ARTICULAÇÃO: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA PSICANALÍTICA

Maria Beatriz de Andrade Pimentel
Discente de psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS
E-mail: mariabiaapimentel@gmail.com
Redação

Rafael Kozminsky
Psicólogo do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira e Tutor da graduação em Psicologia da Faculdade Pernambucana de Saúde
E-mail: rafael.koz@fps.edu.br
Supervisão

Laura Livramento da Silva de Oliveira
Psicóloga do Centro de Referência para o Cuidado de Crianças, Adolescentes e suas famílias em situação de violência - CERCCA
E-mail: lauralso@yahoo.com.br
Supervisão

RESUMO

O presente artigo analisa o fenômeno religioso sob uma perspectiva psicanalítica freud-lacaniana, investigando as possíveis articulações entre determinados mecanismos da neurose obsessiva e as manifestações da experiência religiosa. Parte-se do problema de como determinadas formas de religiosidade podem oferecer ao sujeito obsessivo significantes, regras, rituais e lugares de autoridade que se articulam à sua posição diante do desejo e do Outro. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura, que analisa a relação entre a neurose obsessiva e as práticas religiosas a partir dos aportes da clínica estrutural. Com a compreensão do diagnóstico estrutural psicanalítico e a delimitação dos mecanismos de defesa, da dinâmica da culpa e da relação com a lei na neurose obsessiva, é realizada a análise do dogma religioso como formação substitutiva e mecanismo de apaziguamento do gozo e da angústia nessa estrutura. A literatura examinada permite discutir a religião como uma alternativa diante do desamparo, ao oferecer respostas e normas que podem ser tomadas pelo sujeito como lugar de

garantia frente àquilo que permanece incerto, podendo funcionar como recurso para evitar o confronto com a falta. Conclui-se, portanto, que a teoria psicanalítica oferece chaves de leitura fundamentais para a compreensão de funções que determinadas manifestações religiosas podem assumir na economia psíquica do sujeito na contemporaneidade.

Palavras-chave: Psicanálise. Religião. Desejo.

INTRODUÇÃO

A articulação entre psicanálise e religião ganha relevo quando analisada sob o prisma da clínica estrutural. Na neurose obsessiva, o sujeito lida de modo singular com a falta e com as exigências do Outro, encontrando nas práticas, rituais e dogmas religiosos uma tentativa de apaziguar a angústia e responder ao enigmático desejo do Outro. Para além de sua dimensão cultural e institucional, determinadas manifestações religiosas podem construir um campo de articulação com a lógica própria da neurose obsessiva. Assim, este trabalho percorre a clínica estrutural e as especificidades da neurose obsessiva para demonstrar de que maneira o arcabouço freud-lacaniano permanece indispensável para ler os desdobramentos do fenômeno religioso na contemporaneidade.

Marcada pela relação com a dúvida, a culpa, a lei e a necessidade de controle, a neurose obsessiva, desde Freud, pode ser compreendida a partir dos mecanismos de defesa mobilizados diante de representações e desejos que se apresentam como incompatíveis para o sujeito, encontrando no pensamento obsessivo e nos atos compulsivos formas de expressão e de tentativa de neutralização da angústia. Nessa perspectiva, o caso do Homem dos Ratos evidencia a articulação entre pensamento, culpa e compulsão, demonstrando como a tentativa de neutralizar uma ameaça pode sustentar a repetição que pretende interromper (BRUM, 2021; BASTOS, 2011).

A relação do obsessivo com o desejo torna-se ainda mais significativa quando considerada a partir da formulação lacaniana acerca do Outro. Diante da dificuldade de sustentar a falta e a incerteza implicadas no desejo, o sujeito pode buscar no Outro uma resposta capaz de indicar o que fazer, como agir e qual posição ocupar. O desejo, contudo, se constitui a partir da falta. Logo, na neurose obsessiva, a tentativa de obter do Outro uma resposta capaz de assegurar o que deve desejar ou como deve agir pode operar como uma forma de recobrimento provisório da falta, adiando a confrontação com a dimensão desejante de suas escolhas. (CARVALHO; FERRARI, 2019; RUSSO, 2012).

É nesse ponto que a religião se apresenta como um campo denso para a investigação proposta. Este trabalho concentra-se nas religiões monoteístas ocidentais, sobretudo aquelas

vinculadas à tradição judaico-cristã, embora a religião assuma diferentes configurações históricas e culturais, para os fins desta pesquisa, a religião será considerada em sua dimensão institucional e simbólica, enquanto conjunto de crenças, doutrinas, práticas e rituais que organizam uma forma de relação do sujeito com o sagrado. No interior dessa tradição, a relação com Deus é atravessada por preceitos acerca da conduta adotada pelo sujeito, configurando-a um campo de expressão da dinâmica psíquica (MANOEL, 2007).

A aproximação entre a religião e a neurose não constitui uma formulação estranha à própria tradição psicanalítica. Em Atos obsessivos e práticas religiosas (1907), Freud estabelece uma analogia de determinadas formas de ritualização presentes na religião frente à aquelas que se organizam segundo uma lógica própria da neurose obsessiva, retomando posteriormente a temática em outros trabalhos. Essa aproximação trata de investigar como elementos presentes na experiência religiosa podem encontrar ressonância nas formações obsessivas. (FERNANDES; BERTANHA, 2012).

A partir dessa perspectiva, a figura de Deus pode ocupar uma posição reguladora para o sujeito obsessivo, na medida em que oferece uma referência capaz de orientar sua conduta e responder às suas dúvidas. Nesse contexto, a busca por corresponder àquilo que se supõe ser a vontade divina pode assumir a forma de tentativa de responder corretamente ao desejo do Outro, por meio de exigências, proibições e práticas destinadas a assegurar seu lugar diante dele (NANI; CHAVES, 2011; RUSSO, 2012).

Desse modo, a questão que orienta este trabalho consiste em compreender de que maneira determinadas configurações da experiência religiosa podem ser uma via de expressão da lógica obsessiva. Parte-se da hipótese de que a religião pode fornecer ao neurótico obsessivo um campo no qual sua lógica encontra formas de sustentação ao oferecê-lo referências simbólicas e lugares de autoridade que atuarão como pilares reguladores de sua conduta.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza teórica, desenvolvida por meio de uma revisão narrativa da literatura. A escolha desse delineamento metodológico fundamenta-se na possibilidade de reunir, discutir e articular diferentes produções científicas e formulações conceituais acerca de um determinado fenômeno, permitindo a construção de uma análise crítica e interpretativa do conhecimento produzido. Nesse sentido, a revisão narrativa mostra-se pertinente à proposta do presente estudo, uma vez que permite a articulação de diferentes referenciais teóricos sem a exigência de protocolos rígidos de busca e seleção

característicos das revisões sistemáticas (FLOR et al., s.d.; CORDEIRO; OLIVEIRA; RENTERÍA, 2007).

A presente pesquisa tem como objetivo investigar, a partir dos pressupostos da psicanálise freud-lacaniana, de que maneira determinadas configurações da experiência religiosa podem constituir um terreno fértil para a expressão e a sustentação da lógica própria da neurose obsessiva. Para tanto, adota-se como principal referencial teórico a psicanálise de orientação freud-lacaniana, considerando suas contribuições para a compreensão da constituição subjetiva, dos mecanismos de defesa e das relações estabelecidas pelo sujeito com a lei, a culpa, o desejo e o Outro. A investigação concentra-se nas religiões monoteístas ocidentais, sobretudo aquelas vinculadas à tradição judaico-cristã, considerando suas particularidades na organização de preceitos, práticas e representações da autoridade.

O levantamento bibliográfico contempla produções científicas disponíveis nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e no mecanismo de busca Google Acadêmico. A busca é orientada por descritores e combinações de termos relacionados ao objeto de investigação, como “neurose obsessiva”, “religião”, “religiosidade”, “psicanálise”, “Freud”, “Lacan”, “culpa”, “desejo” e “Outro”. Não se estabelece um recorte temporal para a seleção das publicações, considerando a necessidade de contemplar tanto as formulações clássicas da psicanálise quanto as produções contemporâneas que retomam e desenvolvem esses conceitos.

A seleção do material bibliográfico é orientada pela pertinência temática e pela contribuição teórica das publicações para os objetivos propostos. São considerados artigos científicos, livros e obras de referência que abordam a constituição da neurose obsessiva, seus mecanismos psíquicos e as possíveis articulações entre a experiência religiosa e a dinâmica subjetiva. São priorizadas as produções que possibilitam o diálogo entre os fundamentos da teoria psicanalítica e as discussões contemporâneas acerca da religiosidade, especialmente aquelas relacionadas à função paterna, à autoridade e à posição do sujeito diante do desejo do Outro.

Após a seleção das fontes, o material é submetido à leitura exploratória e interpretativa. A análise é desenvolvida a partir da articulação conceitual entre as produções selecionadas, buscando compreender os pontos de aproximação e as particularidades das formulações acerca da neurose obsessiva e da religião (GIL, 2008).

A discussão teórica organiza-se em torno de quatro eixos: a constituição das estruturas clínicas na psicanálise; as particularidades da neurose obsessiva e seus mecanismos de defesa; a religião e suas possíveis articulações com a função paterna e a lei; e a relação do sujeito obsessivo com o desejo e a falta no Outro. A partir desses eixos, busca-se compreender de que maneira

determinadas configurações da experiência religiosa podem oferecer condições para a expressão da lógica obsessiva.

Por fim, a análise procura articular as formulações clássicas de Freud e Lacan às contribuições de autores contemporâneos, considerando as transformações históricas e culturais que atravessam a experiência religiosa. Desse modo, o presente trabalho pretende desenvolver uma reflexão teórica sobre as possíveis funções psíquicas assumidas pela religião na neurose obsessiva, considerando a singularidade da experiência subjetiva.

A CLÍNICA ESTRUTURAL

As estruturas clínicas, na perspectiva psicanalítica, dizem respeito a diferentes modos de constituição e de posicionamento subjetivo no campo do Outro. Nesse processo, a função paterna assume papel fundamental, sobretudo a partir da operação da metáfora paterna e da inscrição do Nome-do-Pai. Em uma leitura lacaniana, a relação do sujeito com essa função participa da diferenciação das estruturas clínicas. Diante disso, entende-se que as estruturas clínicas se distinguem fundamentalmente pelos modos de defesa e pelas operações que marcam a relação do sujeito com a castração e com o Outro, não sendo passíveis de redução a categorias puramente descritivas. (CHAVES, 2018)

A compreensão das estruturas clínicas exige, portanto, que se considere a articulação entre os três registros fundamentais do funcionamento psíquico: o real, o simbólico e o imaginário, cuja inter-relação participa da constituição e do funcionamento do sujeito. Na elaboração lacaniana, o imaginário diz respeito ao campo das imagens, das identificações e das relações especulares a partir das quais o eu se constitui. O simbólico, por sua vez, corresponde ao campo da linguagem e dos significantes, cuja incidência antecede o próprio sujeito e estabelece as condições de sua inscrição em uma ordem que o ultrapassa. Já o real não se confunde com a realidade empírica, constituindo aquilo que resiste à simbolização e não pode ser inteiramente apreendido pela linguagem. Esses registros se encontram articulados na constituição subjetiva, de modo que a estrutura clínica não pode ser compreendida a partir da predominância de um único registro, mas das particularidades de seu enlaçamento (BONI JUNIOR, 2019).

Na perspectiva lacaniana, o sujeito se constitui no campo do Outro, entendido como lugar da linguagem e dos significantes que antecedem sua existência. Antes mesmo de poder falar em nome próprio, a criança já se encontra inserida em uma rede simbólica que lhe atribui um nome, um lugar e determinadas expectativas. Entretanto, sua entrada na linguagem não lhe confere uma identidade plena, uma vez que nenhum significante é capaz de representá-la inteiramente. A constituição subjetiva implica, assim, uma divisão fundamental, na qual o sujeito se encontra marcado por uma

falta que não pode ser definitivamente preenchida e é essa impossibilidade de completude que estabelece as condições para a emergência do desejo (BONI JUNIOR, 2019; FARIA, 2025).

Nesse processo, a função do Nome-do-Pai adquire grande importância, na medida em que introduz uma operação simbólica fundamental para a constituição do sujeito. A operação da metáfora paterna consiste na substituição do significante do desejo da mãe pelo significante do Nome-do-Pai. A função paterna, portanto, não se limita à interdição, mas participa da inscrição da falta e da instauração da lei simbólica, possibilitando que o sujeito se situe diante do desejo sem permanecer inteiramente submetido à demanda materna. Essa operação se articula à inscrição da castração simbólica e à significação fálica. (FARIA, 2025; LACET, 2004).

No campo da neurose, a inscrição da função paterna e a operação da castração simbólica estabelecem condições específicas para a relação do sujeito com a falta e com o desejo. O mecanismo fundamental dessa estrutura é o recalque, que incide sobre representações ligadas às moções pulsionais, impedindo seu acesso à consciência. Para Freud, algumas dessas representações que se ligam às moções pulsionais são submetidas ao recalque em razão do conflito psíquico, permanecendo, contudo, ativas no inconsciente e encontrando diferentes possibilidades de retorno, especialmente nas formações sintomáticas. A neurose constitui-se, desse modo, a partir de uma relação conflituosa com o desejo, na qual aquilo que o sujeito procura manter afastado continua a produzir efeitos em sua experiência. O sintoma representa, portanto, uma formação que expressa, de maneira deslocada e substitutiva, a própria dinâmica que o sustenta (FARIA, 2025; LACET, 2004).

Por conseguinte, a compreensão da estrutura clínica vai além da identificação dos fenômenos que se apresentam na experiência do sujeito. Mesmo tendo o sintoma como uma manifestação privilegiada da dinâmica psíquica, sua leitura, sob um viés psicanalítico, faz necessário que a lógica que o sustenta e a posição subjetiva na qual ele se inscreve, sejam levados em consideração. Tem-se, então, que o sintoma, para a psicanálise, trata-se de um fenômeno cuja inteligibilidade extrapola o domínio do observável. (PONTES; CALAZANS, 2016).

Em uma leitura lacaniana, tem-se os sintomas como significantes, entendendo-os como mensagens endereçadas ao Outro, no sentido de convocação, havendo uma expectativa de resposta por parte deste. Em um momento posterior de seu ensino, contudo, Lacan amplia essa concepção ao considerar que o sintoma não se esgota em sua dimensão significante ou em seu caráter de mensagem passível de interpretação. Sua elaboração passa a conferir maior centralidade ao gozo, compreendendo o sintoma também como um modo singular de satisfação que não se reduz à produção de sentido. Essa perspectiva se aprofunda com a formulação do *sinthoma*, cuja função pode ser pensada a partir da amarração entre os registros real, simbólico e imaginário. Desse modo, para além daquilo que o sintoma comunica ao Outro, torna-se necessário considerar a função que

ele desempenha na sustentação singular do sujeito e no modo como este se relaciona com seu próprio gozo (MAIA; MEDEIROS; FONTES, 2012; LIMA, 2013; QUINET, 2016).

A partir dessas considerações, torna-se necessário compreender que a neurose não constitui uma organização homogênea, uma vez que o conflito inconsciente pode assumir diferentes modalidades de expressão. Na tradição freudiana, a histeria e a neurose obsessiva apresentam particularidades quanto aos mecanismos defensivos e às formas pelas quais o desejo recalcado encontra possibilidades de retorno. (FARIA, 2025)

De modo semelhante, a clínica lacaniana desloca a ênfase de uma classificação pautada exclusivamente pela perspectiva fenomenológica para a consideração da posição do sujeito e de sua estrutura. Nesse viés, o sintoma não é concebido apenas como um fenômeno a ser eliminado, sendo necessário considerar a sua função e o lugar que ele ocupa na economia subjetiva do sujeito. Sob essa ótica, o sintoma traz consigo a possibilidade do sujeito se implicar naquilo que se queixa, interrogando a sua participação e o seu modo de gozo. Desse modo, a compreensão da estrutura neurótica oferece os fundamentos necessários para investigar as particularidades da neurose obsessiva, especialmente no que diz respeito à posição assumida pelo sujeito diante da lei, do desejo, da falta e das exigências que supõe encontrar no campo do Outro (FARIA, 2025; SAFATLE, 2017)

A NEUROSE OBSESSIVA

Inicialmente situada no campo das chamadas neuroses de defesa, sua elaboração foi se diferenciando progressivamente da histeria à medida que Freud reconheceu uma modalidade específica de conflito, marcada pelo sentimento de culpa, ambivalência e mecanismos de defesa particulares. Se, na histeria, o conflito encontra no corpo uma via privilegiada de expressão, na neurose obsessiva ele tende a permanecer fortemente ligado ao pensamento. (BRUM, 2021)

Embora a neurose obsessiva apresente de modo particularmente evidente manifestações no campo do pensamento, isso não significa que o corpo esteja excluído de sua dinâmica. O corpo também pode ser implicado na relação do sujeito com a angústia, com o desejo e com a satisfação pulsional. Em determinadas manifestações obsessivas, o sujeito busca constantemente submeter o próprio corpo a um ideal de pureza e inviolabilidade, no entanto, é justamente esse corpo que denuncia aquilo que o pensamento tenta manter sob domínio. O corpo, portanto, escapa à pretensão obsessiva de controle. (COPPUS; BASTOS, 2011)

Por tais manifestações ocorrerem ao se mover em direção ao desejo, Freud aponta o poder da consciência moral, que leva o sujeito a atribuir sentido aos eventos, interpretando-os como punições ou avisos de que as coisas devem ficar como estão, reforçando a necessidade de

permanecer na posição conhecida para evitar o risco implicado na realização do desejo. A neurose obsessiva é, portanto, marcada por um intenso conflito psíquico, no qual as tentativas de controle e domínio podem funcionar como recursos defensivos diante da angústia, da ambivalência e da incidência do desejo. (COPPUS; BASTOS, 2011)

É nesse cenário que a compulsão adquire seu lugar central, Freud utilizou o termo Zwangsneurose para designar a neurose obsessiva, remetendo o termo zwang à ideia de compulsão, coerção ou imposição. Essa dimensão de constrangimento pode manifestar-se tanto no pensamento quanto na ação, colocando o sujeito diante de representações, ideias ou atos que se impõem de maneira difícil de controlar. De origem inconsciente e de difícil controle, essa força coloca o ego diante de exigências que não compreende inteiramente, mas às quais se vê compelido a responder, produzindo um aparato defensivo destinado a conter a irrupção pulsional e a angústia dela decorrente. (FARIAS; CARDOSO, 2013)

Nesse ponto a compulsão adquire sua dimensão paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que procura impedir a realização de um desejo proibido, o ato compulsivo é uma tentativa de responder à angústia produzida por esse mesmo desejo. A compulsão pode organizar-se, assim, em torno de um imperativo de "dever fazer", articulado paradoxalmente a um "não poder fazer", fazendo com que o sujeito aja justamente para impedir determinada satisfação que vivencia como perigosa ou proibida, ao mesmo tempo, que visa proteger-se da punição que imagina poder advir dela. A ação compulsiva pode funcionar, assim, como tentativa de neutralizar o perigo e produzir uma garantia diante da incerteza, ainda que sua repetição revele a impossibilidade de produzir uma solução definitiva. (FARIAS; CARDOSO, 2013)

Essa lógica aparece no caso clínico do *Homem dos Ratos*, publicado por Freud em 1909 sob o título *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*. O caso ilustra como desejo, culpa e compulsão se articulam na neurose obsessiva. A partir do episódio em que o paciente escuta a descrição de uma tortura envolvendo ratos, desencadeia-se uma cadeia obsessiva de pensamentos que se articula com o desejo, a divida, o pai e a mulher amada e que conduz o sujeito à atos destinados a impedir a realização daquilo que ele vivencia como ameaça. Diante do esforço incessante do sujeito para neutralizar, por meio do pensamento e do ato, aquilo que sua própria mente insiste em colocar em cena, configura-se uma trama na qual o pensamento pode adquirir para o sujeito o valor de uma ameaça, enquanto a culpa mobiliza atos e operações destinadas a neutralizar o perigo que se supõe associado a ele. (BASTOS, 2011).

No caso do *Homem dos Ratos* é atribuída uma eficácia particular ao pensamento, exigindo do sujeito a realização de atos para impedir uma suposta consequência. Isso também pode ser visto em determinadas manifestações religiosas, onde um pensamento considerado pecaminoso ou uma conduta interpretada como transgressão podem desencadear a necessidade de pedir perdão, rezar ou

se confessar. Nesse cenário, o ato religioso pode assumir, então, uma função de neutralização diante da culpa. Tendo isso, a questão não se reduz à prática religiosa em si, mas na relação que o sujeito estabelece com ela. (BASTOS, 2011).

RELIGIÃO

Para a discussão, faz-se necessário delimitar o conceito de religião adotado, uma vez que o fenômeno religioso assume diferentes configurações históricas e culturais. Nesse sentido, o presente artigo acompanha a delimitação proposta por Manoel (2007), em sua análise dos conceitos de religião e religiosidade, que se concentra nas religiões monoteístas ocidentais. (MANOEL, 2007).

Entendendo a religião como conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas, que constituem modos simbólicos e institucionais de relação entre o sujeito e o sagrado. Tem-se, a religião como uma instituição social que discute a realidade que transcende a humana, e se repete dinamicamente em diferentes signos, símbolos, mitos e ritos. (MANOEL, 2007).

Enquanto a religiosidade, por sua vez, refere-se à dimensão subjetiva da relação do sujeito com o sagrado, não se restringindo à participação formal em uma instituição religiosa específica. Essa busca pode assumir diferentes funções, seja como fuga, como explicação para o real vivido, ou ainda como possibilidade de negociação com a ou as divindades visando resoluções de problemas cotidianos. (MANOEL, 2007).

Essa dimensão é particularmente ligada à discussão aqui proposta, na medida em que permite pensar a religião não apenas como um sistema de crenças, mas como um campo de produção de sentidos acerca da existência, da conduta, e das relações do sujeito com a Lei e com o Outro. No interior da tradição cristã, a relação entre o sujeito e Deus é atravessada por preceitos quanto à maneira correta de conduzir a própria vida, ao mesmo tempo em que em determinadas formulações cristãs, a conduta do sujeito encontra-se articulada a noções de salvação, pecado, culpa e condenação. (MANOEL, 2007).

É nesse ponto que a discussão sobre religião pode ser articulada à problemática da neurose obsessiva. Se, de um lado, a religião oferece ao sujeito um sistema simbólico capaz de organizar a relação com o sagrado, com a lei e com a própria existência, de outro, pode construir um campo privilegiado para a expressão de conflitos relacionados à culpa, à dúvida, à responsabilidade, à Lei e a relação com a falta e com o desejo do Outro. (MANOEL, 2007).

A aproximação entre esses dois campos encontra respaldo na própria tradição psicanalítica. Retomando a obra freudiana, destaca-se a relação entre religião e neurose estabelecida em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), sendo posteriormente abordada em outros trabalhos, como *Totem e tabu* (1913). A religião e a neurose não se confundem, mas Freud identifica entre

determinadas práticas religiosas e formações obsessivas pontos de aproximação relativos à organização ritual, às proibições e à relação com a culpa. (FERNANDES; BERTANHA, 2012).

Já na perspectiva lacaniana, a religião interessa não apenas enquanto sistema de crenças, mas enquanto campo simbólico no qual o sujeito pode situar uma figura de autoridade, uma Lei e um saber suposto acerca de sua conduta. A questão torna-se, então, investigar o lugar que essa referência ocupa para o sujeito e o modo como se articula à sua relação com o desejo e com o Outro.

CAMPO DE ARTICULAÇÃO ENTRE NEUROSE OBSESSIVA E RELIGIÃO

Para entender a relação entre a religião e a estrutura obsessiva, é necessário retomar a compreensão da função paterna como operação simbólica ligada à castração e à inscrição do sujeito no campo do desejo e da Lei. Campos (2006) recorre à metáfora do pai como muro para ilustrar que ele se põe entre a criança e o desejo da mãe, atuando como uma sombra sob a qual o filho se desenvolve. Tendo sua altura e espessura reduzidas na medida em que a criança vai crescendo, o muro passa, então, a transparecer suas frestas, falhas e rachaduras, mostrando que não é e nem nunca foi tão resistente e seguro quanto se supôs. (NANI; CHAVES, 2011)

Em *O futuro de uma ilusão*, Freud relaciona a força das crenças religiosas ao desamparo humano e ao desejo de reencontrar uma figura paterna. A relação com Deus pode retomar, assim, a ambivalência própria da relação infantil com o pai, aquele que é simultaneamente temido e amado, diante de quem o sujeito busca proteção e cuja benevolência procura assegurar. A religião, portanto, pode ser compreendida como uma resposta à necessidade de proteção que não desaparece com a infância, mas é reeditada diante das experiências de desamparo que atravessam a existência humana. (FREUD, 1996/2010; NANI; CHAVES, 2008).

Nessa perspectiva, a referência a uma autoridade paterna absoluta pode assumir, para determinados sujeitos, uma função de amparo, oferecendo referências para orientar sua conduta e responder às incertezas que atravessam a sua existência. Algumas configurações religiosas podem sustentar uma representação de autoridade paterna idealizada e a mantê-la como norteadora. Desse modo, a religião se apresenta como uma alternativa diante o desamparo, ao oferecer respostas e normas que podem ser tomadas pelo sujeito como lugar de garantia frente aquilo que permanece incerto, podendo funcionar como recurso para evitar o confronto com a falta. (FREUD, 1996/2010; NANI; CHAVES, 2011).

Ao oferecer um conjunto fechado de normas, preceitos e explicações, certas configurações religiosas podem produzir o efeito de transformar a incerteza frente aquilo que escapa o domínio do sujeito, em um sistema de lógica causal. Esse mecanismo, embora ofereça alívio subjetivo imediato,

corre o risco de operar como uma defesa que evita a elaboração simbólica da falta, substituindo o trabalho psíquico de significação pessoal por uma resposta pronta, importada de uma autoridade externa investida de saber absoluto.

É nesse ponto que se evidencia a articulação entre a religião e a lógica obsessiva, dado que o sujeito obsessivo pode buscar no Outro uma garantia sobre o que fazer, desejar ou como responder diante da falta, mantendo muitas vezes o seu desejo suspenso. A religião, nesse sentido, pode oferecer ao obsessivo um lugar de proteção e uma forma de manter o Pai no lugar de garantia que sua própria estrutura insiste em reivindicar (NANI; CHAVES, 2011).

Essa dinâmica se articula à ambiguidade da posição do sujeito obsessivo diante da morte do Pai, tema central no percurso freudiano sobre a religião. Se, em *Totem e Tabu*, o assassinato do pai funda a Lei pela via de sua ausência, o pai morto acaba se tornando mais poderoso do que jamais foi vivo. O obsessivo parece insistir em manter o Pai vivo, presente e absoluto no campo religioso. Nesse cenário, o sujeito obsessivo se encontra preso na tentativa de evitar a aceitação de que nenhuma instância, por mais absoluta que se apresente, pode oferecer uma garantia definitiva contra a incerteza constitutiva do desejo. (NANI; CHAVES, 2011).

Na leitura freudiana do supereu, a agressividade que o sujeito não pode dirigir ao pai por ambivalência, por amor ou por temor, retorna sobre o seu próprio eu sob a forma de uma instância crítica desmedidamente severa. A religião, ao fornecer um código minucioso de prescrições e interdições, oferece a esse supereu obsessivo o pecado como objeto privilegiado. Logo, a falha em cumprir corretamente um preceito religioso passa a funcionar como confirmação da culpa que o sujeito já antecipava, alimentando um ciclo em que a busca de garantia através da norma termina por reforçar, paradoxalmente, o sentimento de insuficiência e a necessidade de expiação (NANI; CHAVES, 2011).

Portanto, tem-se que o movimento que leva o obsessivo a tentativa de manter o Pai vivo e absoluto, se articula com o que o conduz a investir a norma religiosa como possível garantia frente às incertezas, contribuindo ainda para a sustentação de um supereu severo, sempre pronto a encontrar no descumprimento do preceito a confirmação de uma culpa já suposta.

A RELAÇÃO DO NEURÓTICO OBSESSIVO COM O DESEJO

O neurótico se constitui e se interroga a partir do campo do Outro, buscando nesse Outro significantes que lhe permitam situar-se em relação ao próprio desejo. No caso do obsessivo, contudo, a possibilidade de se deparar com a falta no Outro mostra-se particularmente angustiante, uma vez que ameaça a consistência daquele a quem dirige sua própria questão. Em vez de confrontar-se com a falta implicada no desejo, o neurótico obsessivo tenta, então, encontrar no

Outro alguém que ele supõe saber o que ele deve fazer e, sobretudo, o que deve ser. (RUSSO, 2012; COSTA; FERREIRA, 2019).

No entanto, o desejo, na perspectiva lacaniana, está estruturalmente articulado à falta, ao desejo do Outro e à impossibilidade de uma satisfação plena. Na medida em que a falta constitutiva do sujeito se articula à falta encontrada no campo do Outro, entende-se que o desejo se estabelece pelo movimento produzido a partir da falta, e não pela ausência dela. Na neurose obsessiva, contudo, a dinâmica do desejo assume uma configuração interessante, pois, o obsessivo procura converter a questão do desejo em uma pergunta passível de resposta pelo Outro. Permanecendo em uma busca incessante por algo que lhe permita evitar o contato com a sua falta, o sujeito obsessivo evita confrontar-se com a falta do Outro, e nesse movimento, ocorre a tentativa de saber o que fazer, como agir e qual posição ocupar diante desse Outro. (RUSSO, 2012).

A tentativa de transformar o desejo em demanda ajuda a compreender a posição do obsessivo em sua relação com o Outro. Em vez de sustentar a incerteza do desejo, o sujeito procura garantias que lhe permitam agir sem se responsabilizar inteiramente pela dimensão desejante de sua escolha. O obsessivo se coloca a serviço do Outro, no entanto, ao submeter o desejo àquilo que supõe ser esperado pelo Outro, o sujeito não elimina sua falta, apenas a recobre provisoriamente com a demanda, mantendo o seu desejo em uma posição de adiamento. (RUSSO, 2012).

Nesse cenário, a religião tem a possibilidade de assumir uma função privilegiada dentro da lógica obsessiva, onde a figura de Deus poderá servir como referência a partir da qual o sujeito irá orientar sua conduta. Na perspectiva lacaniana, no entanto, a falta é constitutiva do sujeito e não pode ser definitivamente eliminada, sendo justamente essa impossibilidade de completude que mantém o desejo em movimento. (DRAWIN; KYRILLOS NETO, 2018).

Desse modo, a busca obsessiva por corresponder ao desejo do Outro pode encontrar na religião a possibilidade do sujeito se colocar a serviço daquilo que ele supõe ser a vontade divina, levando-o a se submeter a exigências, renúncias e proibições na tentativa de assegurar seu lugar diante de Deus. Nesse movimento, o desejo gira em torno da busca por responder corretamente àquilo que imagina ser esperado de si. (RUSSO, 2012).

A ATUALIDADE DA LEITURA FREUD-LACANIANA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE NEUROSE OBSESSIVA E RELIGIÃO

A atualidade da leitura freud-lacaniana não implica apenas verificar se os conceitos formulados por Freud e posteriormente reelaborados por Lacan permanecem aplicáveis, mas sim, interrogar de que modo esses conceitos podem ser relidos diante das transformações históricas e sociais que atravessam o sujeito. Essa necessidade de releitura propõe uma atualização permanente

dos fundamentos da psicanálise. O retorno a Freud, portanto, não deve significar a cristalização da teoria em torno de seus fundadores, mas a sua retomada crítica a partir das condições históricas, culturais e geopolíticas nas quais a experiência subjetiva se constitui. Assim, preservar a força da teoria está em reconhecer que sua transmissão exige novas leituras à medida que os modos de subjetivação se transformam. Nesse sentido, interessa investigar quais funções determinadas referências religiosas podem assumir para o sujeito diante das formas atuais de autoridade, exigência e incerteza.

O declínio social da imago paterna, fenômeno contemporâneo no qual a posição do pai enquanto referência idealizada de autoridade é enfraquecida, é inerente à própria condição humana, já que, desde sempre, o pai é marcado pela falta e pela falibilidade. Desse modo, o problema encontra-se na tentativa de sustentar um pai completo, capaz de oferecer uma resposta definitiva à falta que constitui o sujeito. Hoje, com a sociedade guiada pelo imperativo do gozo, o neurótico se depara escancaradamente com a falta de sentido que tanto o angustia, levando-o a buscar tal sentido ou até mesmo segurança, na figura do pai, que o faz se deparar com um pai incapaz de sustentar a perfeição por ele esperada. (NANI; CHAVES, 2011)

O enfraquecimento de determinadas figuras de autoridade pode, assim, tornar mais evidente a dificuldade de encontrar referências capazes de orientar o sujeito diante da impossibilidade de uma garantia última. Nesse cenário, o pai ferramenta (outil) se diferencia do pai da religião por mostrar as suas falhas, se deixando ser usado por seu filho para que este último vá além dele, enquanto o pai da religião se coloca em um lugar inatingível, de pai morto, lugar de perfeição. Nesse cenário, quando a referência divina é tomada como uma instância à qual se atribui um saber completo sobre a conduta e o desejo, a experiência religiosa pode oferecer ao sujeito obsessivo um campo no qual a busca por garantias encontra sustentação (NANI; CHAVES, 2011).

A articulação com produções contemporâneas permite ainda ampliar essa discussão para as transformações das referências de autoridade e das exigências sociais dirigidas ao sujeito. As exigências contemporâneas de desempenho e responsabilização individual oferecem uma via importante para interrogar a relação entre religião e neurose obsessiva. No campo religioso, essa dinâmica manifesta-se, cada vez mais, quando a relação com a fé passa a ser vivida predominantemente como uma exigência incessante de correção moral. Nessa perspectiva, entende-se que a dependência do fiel não se trata de um efeito colateral da religião, mas sim da ferramenta que garante seu controle. A crítica filosófica de Byung-Chul Han à sociedade neoliberal permite situar esse problema no âmbito de formas de autoexigência que não dependem exclusivamente de uma autoridade externa, pois o sujeito pode tornar-se responsável por vigiar e cobrar continuamente a si mesmo. Em determinadas experiências religiosas, essa exigência pode encontrar uma linguagem moral, pela qual a conduta, as intenções e os resultados da vida passam a

ser avaliados em termos de merecimento ou insuficiência pessoal (MARTÍNEZ CARRASCO, 2026).

A expansão de discursos religiosos conservadores acrescenta outra dimensão a essa discussão. No Brasil, o conservadorismo religioso contemporâneo participa de disputas atuais sobre a organização da vida coletiva. Na lógica obsessiva, a procura por uma referência capaz de determinar o que é permitido, proibido ou esperado pode constituir uma tentativa de responder ao desejo do Outro. A aproximação entre essa dinâmica e determinados discursos conservadores é, contudo, uma hipótese de leitura sobre formas de autoridade e de produção de certeza (SEFFNER; OLIVEIRA, 2026).

Os discursos religiosos conservadores operam não apenas pela reafirmação de normas, mas também pela construção de narrativas que apresentam determinadas transformações sociais como ameaças à ordem e à identidade coletiva. Nesse contexto, a articulação entre valores religiosos e ideais de autoridade pode oferecer modelos de conduta que prometem restabelecer referências percebidas como instáveis diante das mudanças sociais (GRACINO JUNIOR; SILVA; MORAIS, 2025).

Por fim, tem-se que determinadas formas de religiosidade podem oferecer ao sujeito obsessivo significantes, regras, rituais e lugares de autoridade que se articulam à sua posição diante do desejo e do Outro. É justamente nessa tensão entre a demanda de completude e a impossibilidade que a constitui que a leitura freud-lacaniana segue produzindo questões pertinentes à articulação entre religião e neurose obsessiva no cenário contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão narrativa da literatura buscou compreender de que maneira determinadas configurações da experiência religiosa podem constituir um campo de expressão e sustentação da lógica própria da neurose obsessiva, a partir dos pressupostos da psicanálise freud-lacaniana. A articulação entre as produções examinadas permitiu compreender que essa relação se estabelece pela função que práticas, preceitos e referências de autoridade podem assumir na economia psíquica do sujeito. Nesse sentido, a aproximação proposta por Freud entre atos obsessivos e práticas religiosas constitui um ponto de partida para a investigação, sem que as semelhanças entre ambos autorizem sua identificação como fenômenos equivalentes (FERNANDES; BERTANHA, 2012; MANOEL, 2007).

A retomada dos fundamentos da clínica estrutural e das particularidades da neurose obsessiva possibilitou situar a culpa e a compulsão para além de suas manifestações observáveis, considerando sua articulação com o desejo e com a posição do sujeito diante do Outro. Nesse

percurso, a literatura discutida indica que a tentativa de obter certeza sobre a própria conduta e sobre o que se espera de si pode assumir uma função defensiva diante da falta e da impossibilidade de obter uma resposta definitiva acerca do próprio desejo. Os rituais e as exigências religiosas podem, em determinadas experiências subjetivas, integrar essa dinâmica, oferecendo referências por meio das quais o sujeito procura orientar sua conduta, neutralizar a angústia e assegurar seu lugar diante de uma autoridade que supõe deter um saber sobre ele (BASTOS, 2011; FARIAS; CARDOSO, 2013; RUSSO, 2012).

A articulação com produções contemporâneas permitiu, ainda, ampliar a discussão para as transformações das referências de autoridade e das exigências sociais dirigidas ao sujeito. As demandas de desempenho e responsabilização individual, assim como a circulação de discursos religiosos que reivindicam certezas morais e modelos estáveis de conduta, oferecem elementos para interrogar as formas atuais da busca por garantias.

Considerando seu delineamento metodológico, esta revisão apresenta limites próprios de uma análise bibliográfica narrativa. A seleção e a articulação interpretativa das obras não pretendem esgotar a produção existente sobre o tema, tampouco permitem estabelecer a frequência dessas manifestações ou generalizar as funções psíquicas da religião entre diferentes sujeitos e tradições religiosas. Além disso, o recorte privilegiou as religiões monoteístas ocidentais, sobretudo a tradição judaico-cristã, o que delimita o alcance das reflexões desenvolvidas. Permanecem abertas, portanto, questões relativas às diferentes formas de vivência da religiosidade e aos modos pelos quais as transformações contemporâneas da autoridade podem incidir sobre a experiência singular do sujeito obsessivo.

Diante disso, considera-se que a literatura examinada oferece fundamentos para compreender a religião como um possível campo de articulação da lógica obsessiva, especialmente quando suas referências simbólicas são tomadas pelo sujeito como garantias diante da culpa, da falta e da incerteza do desejo. Essa compreensão evidencia a importância de investigar o modo singular pelo qual cada sujeito se relaciona com a fé, com a Lei e com o Outro. A revisão contribui, assim, para delimitar essa articulação conceitual e aponta a pertinência de estudos futuros que aprofundem suas diferentes expressões, preservando tanto a complexidade do fenômeno religioso quanto a singularidade da experiência subjetiva (NANI; CHAVES, 2011; RUSSO, 2012; DRAWIN; KYRILLOS NETO, 2018).

REFERÊNCIAS

Boni Junior, J. de O. (2019). *As estruturas clínicas na obra de Jacques Lacan: enodamentos do real, simbólico e imaginário?* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

Brum, S. (2021). Neurose obsessiva: construção de uma psiconeurose. *Tempo Psicanalítico*, *53*(1), 30–57.

Campos, S. de. (2006). A outilidade do pai. *Curinga*, (23), 71–79.

Chaves, M. E. (2018). Estruturas clínicas em psicanálise: um recorte. *Reverso*, *40*(76), 55–62.

Coppus, A. N., & Bastos, A. (2012). O corpo na neurose obsessiva. *Psicologia Clínica*, *24*(2), 115–125.

Costa, M. L. F., & Ferreira, R. W. G. (2019). Não há neurose sem corpo: um estudo sobre o lugar do corpo na histeria e na neurose obsessiva. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, *22*(2).

Drawin, C. R., & Kyrillos Neto, F. (2018). Psicanálise e religião: o deslocamento da problemática filosófica, de Freud a Lacan. *Tempo Psicanalítico*, *50*(1).

Faria, M. R. (2025). *Neurose, psicose e perversão: Lacan e as estruturas clínicas*. Toro Editora.

Farias, C. P., & Cardoso, M. R. (2013). Compulsão e domínio na neurose obsessiva: a marca do pulsional. *Psicologia Clínica*, *25*(1), 117–128.

Fernandes, E. B., & Bertanha, V. B. (2012). Neurose obsessiva e religiosidade no caso "O homem dos lobos". *Boletim Formação em Psicanálise*, *20*(1), 57–69.

Freud, S. (2010). *O futuro de uma ilusão* (R. Zwick, Trad.). L&PM. (Trabalho original publicado em 1927)

Gracino Junior, P., Silva, M. G. da, & Morais, T. M. do C. (2025). À espera dos bárbaros: neoliberalismo, antagonismo e a construção discursiva do masculinismo evangélico no Brasil. *Sociedade e Estado*, *40*(3), e58944.

Lacet, C. (2004). Da foraclusão do Nome-do-Pai à foraclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan. *Psicologia USP*, *15*(1–2), 243–262.

Lima, C. M. de. (2013). Corpo e sinthoma: tratamento do gozo em Freud e Lacan. *Estilos da Clínica*, *18*(1), 180–198.

Maia, A. B., Medeiros, C. P. de, & Fontes, F. (2012). O conceito de sintoma na psicanálise: uma introdução. *Estilos da Clínica*, *17*(1), 44–61.

Manoel, I. A. (2007). História, religião e religiosidade. *Revista de Cultura Teológica*, *15*(59), 105–128.

Martínez Carrasco, A. (2026). Religion in the thought of Byung-Chul Han. *Acta Philosophica*, *35*(1), 135–152.

Nani, R. H. G., & Chaves, W. C. (2011). "Paidescendo no paraíso": uma investigação sobre o pai e a religião na teoria de Freud e Lacan. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, *11*(1), 335–367.

Pontes, S., & Calazans, R. (2016). Os primórdios da psicanálise e a insuficiência do descritivismo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *16*(1), 240–259.

Quinet, A. (2016). Lalíngua e sinthoma. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, *19*(38), 243–261.

Russo, R. L. da C. F. (2012). Corte e costura: a interpretação na neurose obsessiva. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (25).

Safatle, V. (2017). *Introdução a Jacques Lacan*. Autêntica Editora.

Seffner, F., & Oliveira, K. da S. (2026). Conservadorismo, política e religião: negociações de sentido no interior da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional entre os anos de 2023 e 2025. *Numen*, *29*(1), 118–146.

OBSESSIVE NEUROSIS AND RELIGION AS A FIELD OF ARTICULATION: A NARRATIVE REVIEW OF THE PSYCHOANALYTIC LITERATURE

ABSTRACT

This article analyzes the religious phenomenon from a Freudian-Lacanian psychoanalytic perspective, investigating the possible articulations between certain mechanisms of obsessive neurosis and manifestations of religious experience. It starts from the problem of how certain forms of religiosity may offer the obsessive subject signifiers, rules, rituals, and places of authority that articulate with their position before desire and the Other. Methodologically, this is a qualitative study, developed through a narrative literature review, which analyzes the relationship between obsessive neurosis and religious practices drawing on contributions from structural clinical theory. Through an understanding of the psychoanalytic structural diagnosis and the delimitation of defense mechanisms, the dynamics of guilt, and the relation to the law in obsessive neurosis, the analysis examines religious dogma as a substitutive formation and a mechanism for appeasing jouissance and anxiety within this structure. The literature examined allows for a discussion of religion as an alternative to helplessness, offering answers and norms that the subject may take as a place of guarantee in the face of what remains uncertain, potentially functioning as a resource to avoid confronting lack. It is concluded, therefore, that psychoanalytic theory offers fundamental keys for understanding the functions that certain religious manifestations may assume in the subject's psychic economy in contemporary times.

Keywords: Psychoanalysis. Religion. Desire.

NEUROSIS OBSESIVA Y RELIGIÓN COMO CAMPO DE ARTICULACIÓN: UNA REVISIÓN NARRATIVA DE LA LITERATURA PSICOANALÍTICA

RESUMEN

El presente artículo analiza el fenómeno religioso desde una perspectiva psicoanalítica freudo-lacaniana, investigando las posibles articulaciones entre determinados mecanismos de la neurosis obsesiva y las manifestaciones de la experiencia religiosa. Se parte del problema de cómo determinadas formas de religiosidad pueden ofrecer al sujeto obsesivo significantes, reglas, rituales

y lugares de autoridad que se articulan con su posición frente al deseo y al Otro. Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa, desarrollada mediante revisión narrativa de la literatura, que analiza la relación entre la neurosis obsesiva y las prácticas religiosas a partir de los aportes de la clínica estructural. A partir de la comprensión del diagnóstico estructural psicoanalítico y la delimitación de los mecanismos de defensa, la dinámica de la culpa y la relación con la ley en la neurosis obsesiva, se realiza el análisis del dogma religioso como formación sustitutiva y mecanismo de apaciguamiento del goce y la angustia en esa estructura. La literatura examinada permite discutir la religión como una alternativa frente al desamparo, al ofrecer respuestas y normas que pueden ser tomadas por el sujeto como lugar de garantía frente a aquello que permanece incierto, pudiendo funcionar como recurso para evitar la confrontación con la falta. Se concluye, por lo tanto, que la teoría psicoanalítica ofrece claves de lectura fundamentales para la comprensión de funciones que determinadas manifestaciones religiosas pueden asumir en la economía psíquica del sujeto en la contemporaneidad.

Palabras clave: Psicoanálisis. Religión. Deseo.

NÉVROSE OBSESSIONNELLE ET RELIGION COMME CHAMP D'ARTICULATION : UNE REVUE NARRATIVE DE LA LITTÉRATURE PSYCHANALYTIQUE

RÉSUMÉ

Cet article analyse le phénomène religieux dans une perspective psychanalytique freudo-lacanienne, en examinant les articulations possibles entre certains mécanismes de la névrose obsessionnelle et les manifestations de l'expérience religieuse. Il part du problème de savoir comment certaines formes de religiosité peuvent offrir au sujet obsessionnel des signifiants, des règles, des rituels et des lieux d'autorité qui s'articulent à sa position face au désir et à l'Autre. Sur le plan méthodologique, il s'agit d'une recherche qualitative, menée à travers une revue narrative de la littérature, qui analyse la relation entre la névrose obsessionnelle et les pratiques religieuses à partir des apports de la clinique structurale. À partir de la compréhension du diagnostic structural psychanalytique et de la délimitation des mécanismes de défense, de la dynamique de la culpabilité et du rapport à la loi dans la névrose obsessionnelle, l'analyse porte sur le dogme religieux en tant que formation substitutive et mécanisme d'apaisement de la jouissance et de l'angoisse dans cette structure. La littérature examinée permet de discuter la religion comme une alternative face au désarroi, en offrant des réponses et des normes que le sujet peut prendre comme lieu de garantie face à ce qui demeure incertain, pouvant ainsi fonctionner comme une ressource pour éviter la confrontation avec le manque. On conclut, par conséquent, que la théorie psychanalytique offre des

clés de lecture fondamentales pour comprendre les fonctions que certaines manifestations religieuses peuvent assumer dans l'économie psychique du sujet à l'époque contemporaine.

Mots-clés: Psychanalyse. Religion. Désir.

Anexo:

Normas de publicação da revista Analytica: Revista de Psicanálise

Submissões

O cadastro no sistema e posterior acesso, por meio de login e senha, são obrigatórios para a submissão de trabalhos, bem como para acompanhar o processo editorial em curso. Acesso em uma conta existente ou Registrar uma nova conta.

Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

- ✔ A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao Editor".
- ✔ Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF (desde que não ultrapassem 2MB), com exceção da Carta de Inedistismo, que está em formato PDF.
- ✔ URLs para as referências foram informadas quando necessário.
- ✔ O texto está em com espaçamento 1,5 entre linhas; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento, como anexos.
- ✔ O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na seção Sobre a Revista.
- ✔ A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação

- por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em Assegurando a Avaliação Cega por Pares .

- IMPORTANTE: os autores devem utilizar o layout/template disponibilizado pela revista para auxiliar na formatação, escrita e avaliação dos textos. A formatação do manuscrito é uma das condições para que ele seja enviado para avaliação. Caso esteja em desacordo com as normas da revista, o(s) autor(es) será(ão) convidado(s) a realizar a submissão novamente. Para acessar o arquivo do layout/template, Clique aqui.

- Ao submeter o manuscrito, anexar os dados dos autores em arquivo separado, como folha de rosto. Para acessar o arquivo da folha de rosto, Clique aqui.

- IMPORTANTE: a edição dos arquivos do Template e da Folha de Rosto devem ser feitas a partir de uma cópia ou download do documento disponibilizado no drive, e não através da solicitação de acesso como editor.

- É condição para publicação o envio de uma Carta de Ineditismo declarando que o manuscrito submetido a este periódico não foi publicado ou simultaneamente submetido em outro veículo de divulgação científica.

Diretrizes para Autores

Linha Editorial

A **Analytica: Revista de Psicanálise** tem como objetivo divulgar investigações e desenvolvimentos teóricos, relatos de pesquisa, debates, entrevistas, traduções e resenhas que apresentem análises críticas e reflexões fundamentadas no referencial psicanalítico. A revista também se dedica à publicação de artigos que promovam o diálogo entre a psicanálise e outros campos do saber, como a filosofia, as ciências sociais e afins, voltadas à compreensão da sociedade e da cultura.

Serão aceitas apenas propostas originais e que não tenham sido submetidas simultaneamente a outros periódicos.

A revista publica artigos em quatro línguas: português, espanhol, inglês e francês.

Processo de avaliação dos artigos

A revista conta com um conselho editorial-científico formado por pesquisadores de reconhecida competência na área de sua abrangência, vinculados a diferentes instituições de ensino e pesquisa do Brasil e do exterior.

Todos os manuscritos são submetidos à avaliação por pares, realizada por membros do conselho ou por pareceristas ad hoc indicados por sua competência no tema abordado. Esse processo é aplicado igualmente a artigos submetidos por autores nacionais e estrangeiros.

Os autores são notificados sobre o resultado da avaliação. Textos aprovados sem ressalvas seguem diretamente para publicação. Quando são solicitadas modificações, os autores recebem as orientações e têm a opção de aceita-las e reenviar o artigo revisado. Em caso de rejeição, a decisão é comunicada aos autores com a devida justificativa.

De forma esquemática, o processo de avaliação dos manuscritos segue as etapas abaixo:

1º: **Avaliação preliminar**: momento em que a equipe editorial verifica se o manuscrito está alinhado ao foco e escopo da Revista, bem como se atende às normas de submissão. Também é realizada a análise de similaridade por meio de ferramentas específicas. Caso sejam identificadas inconformidades, o Texto é devolvido aos autores para para as devidas correções.

2º: **Avaliação por pares** (sistema duplo-cego): etapa realizada por no mínimo dois pareceristas ad hoc, garantindo a imparcialidade e a integridade do processo. Em caso de avaliações divergentes, um terceiro avaliador será designado, cuja análise definirá a decisão final. A identidade dos autores e dos avaliadores é mantida em sigilo durante todo o processo.

Os manuscritos avaliados poderão receber os seguintes pareceres: aceito, aceito com modificações, reenviar para nova avaliação, rejeitado.

No expediente editorial (primeiro arquivo de cada volume da Revista), são divulgados os nomes de todos os pareceristas ad hoc que contribuíram para aquela edição, independentemente de os artigos avaliados terem sido aceitos ou rejeitados, em reconhecimento à importância do trabalho realizado durante o período editorial.

Normas para envio de artigos

Os artigos, com o máximo de 25 e o mínimo de 10 laudas, devem ser digitados em Word for Windows, versão 6.0 ou superior, com extensão (.doc), em fonte Times New Roman, tamanho 12, em folha de formato A4, com espaçamento 1,5 entre linhas, margens superior, inferior e laterais de 2 cm.

Os manuscritos submetidos à *Analytica: Revista de Psicanálise* devem seguir a estrutura adequada ao tipo de artigo apresentado:

- **Artigos teóricos**:
  - Título e resumo em português
  - Palavras-chave
  - Introdução
  - Seções de desenvolvimento teórico
  - Considerações finais
  - Referências
  - Resumo e palavras-chave em inglês, francês e espanhol.
- **Relatos de pesquisa empírica** (pesquisas de campo):
  - Título e resumo em português
  - Palavras-chave
  - Introdução
  - Metodologia
  - Resultados e discussão
  - Considerações finais
  - Referências
  - Resumo e palavras-chave em inglês, francês e espanhol.

Esses elementos devem estar organizados de forma clara e coerente, respeitando as normas formais e os critérios científicos estabelecidos pela revista.

- O manuscrito deve conter apenas o título do artigo, com as páginas numeradas sequencialmente a partir de 1, e sem qualquer identificação dos autores no corpo do texto.

As informações autorais (nome, afiliação institucional, e-mail, ORCID, etc.) devem ser inseridas exclusivamente nos metadados da submissão, por meio do site da revista (www.ufsj.edu.br/analytica), e também enviadas em arquivo separado, conforme o modelo de folha de rosto disponibilizado.

A submissão só será encaminhada para avaliação se os metadados estiverem devidamente preenchidos.

- No caso de investigações/desenvolvimentos teóricos, relatos de pesquisas, debates e entrevistas, deve-se incluir também um resumo de no máximo 300 palavras, logo abaixo do título, na mesma língua do trabalho, acompanhado de palavras-chave (no mínimo três e no máximo cinco), separadas por ponto. Ao final, após as referências, deve-se incluir também a versão do mesmo resumo em inglês (abstract), francês (résumé) e espanhol (resumen), todas as versões acompanhadas da tradução do título e das palavras-chave.

Resenhas, entrevistas e traduções podem ter o mínimo de três laudas e o máximo de 25 laudas.

O mínimo e o máximo de laudas permitidas incluem todos os elementos do texto, bem como os elementos pré e pós-textuais, como os resumos e a lista de referências.

Ativos Digitais

Tabelas: devem ser enviadas em arquivo separado, numeradas consecutivamente com algarismos arábicos, de acordo com a ordem em que aparecem no texto. A palavra "tabela" deve ser acompanhada de um título breve que permita compreender os dados nela reunidos. Se a tabela for reproduzida de outra fonte, o autor deve indicar a referência completa e anexar, no momento da submissão, a autorização para reprodução, quando aplicável.

Figuras: incluem imagens, ilustrações, fotografias, desenhos, gráficos, entre outros. Devem ser enviadas em arquivos separados, com boa qualidade gráfica, tamanho máximo de 100x150mm. Os autores devem indicar, no texto, os locais nos quais as figuras devem ser inseridas Caso as imagens tenham sido publicadas anteriormente, é obrigatório mencionar a fonte e anexar a permissão de reprodução no momento da submissão.

Os arquivos contendo tabelas devem estar em formato editável (word ou excel). As figuras devem estar cada uma em um arquivo separado, em formato jpg. ou png.

Citações e Referências

A **Analytica: Revista de Psicanálise** adota as Normas de Publicação da APA: Publication Manual of the American Psychological Association (7ª edição, 2020, https://apastyle.apa.org/). Como alternativa, sugere-se consultar os Manuais de Normatização de Trabalhos Científicos disponibilizados na Biblioteca Virtual em Saúde (http://www.bvs-psi.org.br/).

Citações

Todos os autores citados, apenas eles, devem constar nas referências no final do texto e em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor.

No caso de citação direta (textual) com menos de 40 palavras, o texto reproduzido vem entre aspas duplas no corpo do parágrafo, com indicação da página em que ele aparece na obra original da qual foi extraído.

Ex.: De acordo com Roudinesco e Plon (1998), "Primeiro país de implantação do freudismo na América Latina, o Brasil teve uma história muito diferente da Argentina" (p. 86).

Nesse caso, o nome do autor é apresentado como parte integrante do texto, a data da publicação deve vir logo após o nome, e a paginação da citação deve ser indicada ao final, entre parênteses.

Citações diretas com 40 palavras ou mais devem ser apresentadas em parágrafo próprio, sem aspas duplas, corpo 12, espaçamento 1,5, com recuo de 1,25 cm da margem esquerda e terminando com a margem direita sem recuo.

Ex. 1: No texto, Lacan (1966/1998) propõe que

. . . numa civilização em que o ideal individualista foi alçado a um grau de afirmação até então desconhecido, os indivíduos descobrem-se tendendo para um estado em que pensam, sentem, fazem e amam exatamente as mesmas coisas nas mesmas horas, em porções do

espaço estritamente equivalentes (pp. 146-147).

Ex. 2:

O conhecido através da consciência deve ser um algo, pois a mediação se refere ao mediado. Mas o sujeito, quintessência da mediação, é como é, enquanto contraposto ao objeto, nunca o que, postulado por qualquer representação concebível do conceito de sujeito (Adorno, 1995, p. 188).

No caso de citação indireta (não textual), o autor escreve com suas próprias palavras as ideias do autor consultado e não usa aspas, recuo e paginação. O sobrenome do autor deve ser escrito com a primeira letra em maiúsculo e o restante em minúsculo, tanto dentro como fora de parênteses.

Ex: (Chaves, 2002) ou Chaves (2002).

Quando for um texto de dois autores, citar os dois sobrenomes seguidos da data, toda vez que ocorrer a referência no texto.

Ex: Calazans e Lustosa (2008) ou (Calazans & Lustosa, 2008).

Sendo três autores ou mais, mencionar o sobrenome do primeiro autor seguido de “et al.” em cada citação do texto (desde a primeira).

Exemplo:

Kyrillos Neto *et al.*, 2009

(Kyrillos Neto *et al.*, 2009).

Em citações do mesmo autor com mesmas datas de publicação, acrescenta-se uma letra minúscula logo após a data de publicação. Nas referências, as letras também devem ser

utilizadas.

Ex. 1: Rogers (1973a, 1973b, 1973c) trata da terapia centrada no cliente.

Ex. 2: A ênfase encontra explicações na terapia centrada no cliente (Rogers, 1973a, 1973b, 1973c).

Em citações de vários autores com uma mesma ideia, citar os autores obedecendo à ordem alfabética de seus sobrenomes.

Ex.1: Segundo Foulkes e Cartwright (1999), Lindzey (1977) e Schulze (1997) nas pesquisas sobre privação do sono, encontra-se frequentemente que, na ausência do sono REM, a pessoa tem falta de concentração, ataxia, problemas de memória e linguagem, chegando a experimentar alucinações.

Ex. 2: Nas pesquisas sobre privação do sono, encontra-se frequentemente que, na ausência do sono REM, a pessoa tem falta de concentração, ataxia, problemas de memória e linguagem, chegando a experimentar alucinações (Foulkes & Cartwright, 1999; Lindzey, 1977; Schulze, 1997).

Corporações, associações, instituições públicas ou privadas etc. devem ser escritas por extenso na primeira citação, com a abreviatura entre colchetes, e abreviadas nas citações subsequentes.

Ex: Banco Central do Brasil [BACEN] (2003)

BACEN (2003)

No caso de citação de citação, insira o autor, ano da obra não consultada, a expressão “como citado em” e insira o autor, ano e página da obra que está sendo consultada. Nas referências indica-se apenas os dados da obra consultada.

Ex. 1: “Na época atual, a dominação dos indivíduos pelas condições objetivas, o esmagamento dos indivíduos pela contingência, assumiram formas extremamente marcantes e totalmente universais . . .” (Marx & Engels, 1845, como citado em Sève, 1987, p. 148).

Ex. 2: Para Marx e Engels (1845) como citado em Sève (1987), “Na época atual, a dominação dos indivíduos pelas condições objetivas, o esmagamento dos indivíduos pela contingência, assumiram formas extremamente marcantes e totalmente universais . . .” (p. 148).

Para trechos de depoimentos ou entrevistas use a mesma formatação adotada para citações diretas: a citação com menos de 40 palavras virá entre aspas, dentro do texto; a citação com 40 palavras ou mais, virá com recuo do parágrafo a 1,25.

Ex. 1: Os “sem-terrinhas”, como eram chamadas as crianças, também tiveram seu espaço de atuação na plenária e na mística. E entraram cantando: “Criança do Brasil, do campo e da cidade. O direito de cidadão eu não abro mão. Somos criança temos direito popular, família e casa pra morar, saúde, educação, isso eu não abro mão”.

Ex. 2: Veja-se, a título de ilustração, o que diz o entrevistado 2:

A gente apanhou dos policiais. A gente tinha ido no Pico (lugar onde costumam fumar maconha) e chegaram alguns policiais de carro. Eles desceram e revistaram a gente. O Chico jogou um baseado para trás, na frente do policial. Aí eles (os policiais) arrancaram os distintivos e baixaram o pau. Disseram que iam fazer roleta russa com a gente.

Notas de rodapé devem ser evitadas, usadas somente para comentários, esclarecimentos ou explanações. Devem ser apresentadas em algarismos arábicos, sequenciais e no rodapé da mesma página.

Referências

As referências bibliográficas devem seguir a APA (American Psychological Assocciation) 7ª

edição. Elas devem:

- Ser listadas após as considerações finais, em ordem alfabética pelo último sobrenome do autor (apenas a inicial maiúscula), seguido das iniciais do(s) prenome(s) e outro(s) sobrenome(s) e a data entre parêntese;

- Conter deslocamento, a partir da segunda linha, de 1,2cm e alinhamento à esquerda;

- Para vários trabalhos do mesmo autor, liste-os em ordem cronológica, do mais antigo ao mais recente;

- Para obras com mais de um autor, usar o & ("e" comercial) antes do último autor;

- Independente do suporte físico (artigo, livro, DVD, documentos eletrônicos etc), apresentar as obras citadas em lista única;

- Para o destaque no título/subtítulo das publicações usar o itálico;

- Todo endereço eletrônico deve estar em link clicável (hiperlink).

Livros: indica-se o sobrenome do(s) autor(es) e nome abreviado, ano de publicação, título e subtítulo da obra (em itálico), número da edição e volume, local de e editora.

Ex. 1: Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: a vontade de saber* (10ª ed.). Rio de Janeiro: Graal. (Obra original publicada em 1976).

Ex. 2: Chaves, W. C. (2005). *A determinação do sujeito em Lacan: da reintrodução na psiquiatria à subversão do sujeito* (vol. 1) São Carlos: EdUFSCAR.

Quando se tratar de obras publicadas em nome de entidades (instituições públicas ou privadas, organizações, associações etc), apresenta-se, como indicação de autor, o nome da entidade em letras minúsculas (se for uma entidade subordinada, seu nome vem em letras minúsculas e precedido pelo da entidade a que ela se subordina, em letras minúsculas).

Ex. 1: Associação Brasileira de Normas Técnicas. (2002). *NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração*. Rio de Janeiro.

Ex. 2: Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. Serviço de Biblioteca e Documentação. (data). *Uma adaptação do estilo de normalizar de acordo com as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas – 2002) NBR 6023* – Informação e Documentação - Referências - Elaboração. Recuperado em 20/11/2011 em: <manuais/normalizacaodereferenciasabnt.pdf>

Capítulos de livro: indica-se o(s) autor(es) do capítulo, ano da publicação, título do capítulo, autor(es) ou organizador(es) do livro em que se insere o capítulo precedido de In (no caso de dois autores utiliza-se &) título do livro em que se insere o capítulo (em itálico); número da edição, volume e páginas inicial e final entre parênteses, local de publicação, editora.

Ex. 1: Kyrillos Neto, F. (2009). Acepção da loucura e a constituição de seu espaço institucional em Foucault: um diálogo com a psicanálise. In Kyrillos Neto, F., Rufino, J. A. & Baptista, M. R. (Orgs.), *Espaços, sujeitos e sociedade: diálogos*. (Vol. 1, pp. 131-143). Barbacena: Editora de Universidade do Estado de Minas Gerais.

Ex. 2: Althusser, L. (1996). Ideologia e aparelhos ideológicos de estado: notas para uma investigação. In: Zizek, S. (Org.), *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto. (Obra original publicada em 1970).

Ex. 3: Freud, S. (1980). O mal-estar na civilização. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21, pp. 140-300). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930).

Dissertações ou teses: deve-se indicar autor, ano de publicação (entre parênteses), título (em itálico), grau (dissertação ou tese), instituição onde o trabalho foi defendido, cidade, estado, país.

Ex.: Chaves, W. C. (2006). O *estatuto do real em Lacan: dos primeiros escritos ao seminário 7, " a ética da psicanálise"*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São

Paulo, Brasil.

Artigos publicados em periódicos científicos: deve-se indicar autor(es) do artigo, ano de publicação, título do artigo, nome do periódico (em itálico), número/fascículo/suplemento - volume (número) – páginas.

Ex: Castro, J. E. (2008). A psicanálise e o tempo. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 6(3), 60-74.

No caso de periódicos eletrônicos, acrescentam-se: Recuperado em (dia/mês e ano) e o endereço eletrônico.

Ex.: Calazans, R., Calzavara, M. G. P., Castro, J. E., Teixeira Filho, J. G. C., Chaves, W. C. & Dias, M. G. L. V. (2008). Articulações entre conceitos fundamentais da psicanálise, sua clínica e a pesquisa na universidade. *Interação em psicologia,* 12(1), 133-140. Recuperado em 20/11/2011 em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia>.

Trabalhos publicados em anais de eventos científicos (congressos, seminários, simpósios etc.): deve-se indicar autor(es) do trabalho, o ano e o mês do evento (entre parênteses), título do trabalho, nome do evento científico (em itálico), cidade, estado, país e o número (de ocorrência) do evento.

Quando se trata de anais disponíveis na internet, acrescentam-se: Recuperado em (dia/mês e ano) e o endereço eletrônico. Em se tratando de anais divulgados por meios eletrônicos, acrescentam-se também informações relativas à descrição física do meio eletrônico (número de disquetes, de CD-ROM etc.).

Ex. 1: Kyrillos Neto, F. (2006, outubro). A história da loucura: os limites da desconstrução em Foucault. *Colóquio Franco-brasileiro de Filosofia da Educação*, Rio de Janeiro, Brasil, 3.

Ex. 2: Calazans, R. (2005). A sexualidade e os impasses do novo psicologismo. *Congresso Nacional de Psicanálise da UFC - A Teoria da Sexualidade 100 anos depois*, Fortaleza, Ceará, Brasil. CD-Rom.

No caso de textos, trabalhos e documentos eletrônicos deve ser indicado o ano de publicação ou, caso a fonte seja atualizada regularmente, a data de atualização mais recente. Indicar após o título, informações suficientes para a localização do material. Usar os termos "recuperado" e "de" para a língua portuguesa e "retrieved" e "from" para a língua estrangeira. O endereço dever ser completo, permitindo o acesso imediato ao documento.

Para os casos não abordados nos exemplos supracitados, consultar o manual APA 7ª edição ou os Manuais de Normatização de Trabalhos Científicos disponibilizados na Biblioteca Virtual em Saúde (http://www.bvs-psi.org.br/).

Sessões

No momento da submissão, escolher a sessão para a qual o manuscrito deve ser direcionado. São elas:

Artigo: contempla estudos teóricos, revisões de literatura, relatos de experiência e relatos de pesquisa.

Resenha: resumo crítico de obras nacionais (publicadas nos últimos dois anos) ou estrangeiras (publicadas até 5 anos), cujo objetivo é orientar o leitor em relação a aspectos do livro, como características, possibilidades e contribuições para o campo da Psicologia. Além disso, deve, obrigatoriamente, identificar um referencial teórico.

Entrevista: realizadas com autores ou profissionais que possuem contribuições relevante para a área. Devem conter o(s) nome(s) do(s) entrevistado(s) e entrevistador(es) e uma apresentação de no máximo uma página, visando situar o entrevistado para os leitores. É necessário o envio de concordância do(s) entrevistado(s) com a publicação do material.

Tradução: de textos (artigos, ensaios, conferências etc.) relevantes para a área e inexistentes em língua portuguesa. É necessário o envio de cópia digitalizada do original utilizado na tradução, bem como da autorização (do editor e/ou do autor dos originais) para publicação.

Jovens Pesquisadores: contempla estudos teóricos, revisões de literatura, relatos de experiência e relatos de pesquisa fruto de trabalhos de conclusão de curso (TCCs) e de iniciação científica realizados por alunos de graduação. É necessário, obrigatoriamente, que o(a) professor(a) orientador(a) conste como um dos autores.

Dossiê: para os dossiês, a Analytica: Revista de Psicanálise lançará chamadas específicas, contendo as informações sobre submissão, temática, etc. As chamadas são publicadas na aba "Anúncios" e encaminhadas, via e-mail automático, para aqueles cadastrados na Revista.

Documentos Suplementares

- **Carta de apresentação**: ela deve ser assinada por todos os autores correspondentes, contendo as seguintes informações: título do artigo; nome(s) do(s) autor(es) e respectivas afiliações; autorização de publicação; declaração de que o manuscrito é inédito, original e não foi - ou está sendo submetido à publicação em outro periódico; e que não apresenta eventuais conflitos de interesse - profissionais, financeiros e benefícios diretos ou indiretos - que possam vir a influenciar os resultados da pesquisa.

- **Comprovantes de procedimentos éticos em pesquisa**: quando o manuscrito se referir a dados provenientes de pesquisas envolvendo seres humanos, é necessário que os comprovantes de aprovação do Comitê de Ética correspondentes sejam anexados no ato da submissão. Nos casos de áreas em que não houver esse tipo de controle, declarar que os cuidados éticos foram devidamente cumpridos.

- **Folha de rosto**: contendo título do artigo, nome dos autores, minicurrículo (principal titulação e vínculo institucional), ORCID, endereço de e-mail e respectivas funções de colaboração, seguindo a taxonomia do CREDiT. Opcional adicionar o endereço do instagram.

- **Autorização**: nos casos de entrevista ou traduções, é necessário o envio de concordância do(s) entrevistado(s) com a publicação do material, para a primeira, e autorização do editor e/ou do autor dos originais, para a segunda.

Declaração de Financiamento

Informar, na carta de apresentação, fontes de apoio para o trabalho, incluindo nomes de patrocinadores, número de contrato (se houver), juntamente com explicações sobre o papel dessas fontes.

ARTIGOS

Insira aqui a política desta seção

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

Enviar Submissão

Idioma

Português (Brasil)

English

Informações

Para Leitores

Para Autores

Para Bibliotecários

Open Journal Systems

Edição Atual





